

COMO LER  
SANTO AGOSTINHO  
TERAPIA DA ALMA E FELICIDADE

Coleção **COMO LER FILOSOFIA**

---

**Coordenação:** Claudiano Avelino dos Santos

- *Como ler a filosofia da mente*, João de Fernandes Teixeira
- *Como ler um texto de filosofia*, Antônio Joaquim Severino
- *Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas*, Renold Blank
- *Inteligência artificial*, João de Fernandes Teixeira
- *Um mestre no ofício: Tomás de Aquino*,  
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento
- *Uma introdução à República de Platão*, Giovanni Casertano
- *Um mestre no ofício: Tomás de Aquino (com DVD)*,  
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento
- *Como ler os pré-socráticos*, Cristina de Souza Agostini
- *Filosofia do cérebro*, João de Fernandes Teixeira
- *Mestre Eckhart: um mestre que falava do ponto de vista da eternidade*,  
Matteo Raschiatti
- *Como ler Jean-Jacques Rousseau*, José Benedito de Almeida Júnior
- *Como ler Wittgenstein*, João da Penha Cunha Batista
- *Fazer filosofia: aprendendo a pensar como os primeiros filósofos*,  
Barbara Botter
- *Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI*,  
Rogério Jolins Martins; Hubert Lepargneur
- *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*, Jair Barboza
- *Por que estudar filosofia?*, João de Fernandes Teixeira
- *Como ler filosofia clínica, ou melhor, a orientação filosófica:  
prática da autonomia do pensamento*, Monica Aiub
- *Como ler Maquiavel: a arte da política*, José Benedito de Almeida Júnior
- *Como ler Santo Agostinho: terapia da alma e felicidade*,  
Luiz Marcos da Silva Filho

Luiz Marcos da Silva Filho

**COMO LER  
SANTO AGOSTINHO**

*Terapia da alma e felicidade*



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Silva Filho, Luiz Marcos da  
Como ler Santo Agostinho: terapia da alma e felicidade / Luiz Marcos da Silva Filho. -  
São Paulo: Paulus, 2021.  
(Coleção Como ler filosofia)

ISBN 978-65-5562-403-8

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430 2. Filosofia italiana 3. Teologia  
I. Título II. Série

21-5174

CDD 195  
CDU 1(450)

Índice para catálogo sistemático:

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

Direção editorial

*Sílvio Ribas*

Coordenação da coleção  
*Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão  
*Tiago José Risi Leme*

Preparação do original  
*Luciana Mourão Maio*

Coordenação de arte  
*Rodrigo Moura de Oliveira*

Diagramação  
*Paulo Cavalcante*

Imagem da capa  
*"Saint Augustin", Philippe de Champaigne*

Impressão e acabamento  
PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos

e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Tele vendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-403-8

*Quando o homem pensa ter acabado,  
é então que estará no começo.*

Eclesiástico 18,6



# Sumário

---

<b>À guisa de introdução</b> .....	9
Agostinho e a cultura clássica .....	9
Agostinho leitor da Bíblia.....	14
Adequação e inadequação entre ser e dizer .....	23
Fé e razão.....	29
O jovem Agostinho .....	33
Limites do discurso declarativo.....	36
Questão de método.....	41

## **Capítulo I – O prólogo e o primeiro dia do diálogo**

<b><i>A vida feliz, de Agostinho</i></b> .....	45
I. 1. <i>O prólogo d'A vida feliz (§§ 1-6)</i> .....	45
<i>Os três tipos de navegantes (§ 2)</i> .....	47
<i>O rochedo do orgulho (§ 3)</i> .....	49
<i>A trajetória biográfica de Agostinho (§ 4)</i> .....	50
<i>O sentido de “tranquilidade” no porto da filosofia (§ 5)</i> ...	53
<i>Tempo e espaço do diálogo (§ 6)</i> .....	54
I. 2. <i>O primeiro dia do diálogo A vida feliz (§§ 7-16)</i> .....	55
<i>Os alimentos do corpo e da alma (§§ 7-9)</i> .....	56
<i>Investigação da felicidade (§§ 10-12)</i> .....	60
<i>Os céticos são sábios e felizes? (§§ 13-16)</i> .....	66

## **Capítulo II – O segundo dia do diálogo**

<b><i>A vida feliz (§§ 17-22)</i></b> .....	71
<i>Deus como Outro e dispensador do alimento da alma (§ 17)</i> ...	71
<i>Acordo e redução das três opiniões (§§ 17-18)</i> .....	73
<i>Impasse sobre a “posse de Deus” (§§ 19)</i> .....	76
<i>Diferentes formas de “possuir a Deus”? (§§ 19-22)</i> .....	77

### **Capítulo III – O terceiro dia do diálogo**

<i>A vida feliz</i> (§§ 23-29).....	83
<i>Há meio-termo entre infelicidade e felicidade?</i> (§ 24).....	84
<i>A busca pela definição de “indigência” e a felicidade</i> (§§ 25-29).....	86
<i>Sentido material de “indigência”</i> (§§ 26-27).....	88
<i>Sentido espiritual de “indigência”</i> (§§ 27-29).....	89

### **Capítulo IV – O terceiro dia do diálogo**

<i>A vida feliz</i> (§§ 30-36).....	93
<i>Investigação da felicidade a partir da etimologia de conceitos</i> (§§ 30-33).....	93
<i>Contrário de indigência:</i> <i>plenitude e opulência</i> (§ 30-32).....	94
<i>Medida da alma / modus animi</i> (§§ 32-33).....	97
<i>Inteligência da fê na Trindade</i> (§§ 34-36).....	100

### **Considerações finais** ..... 115

<i>Nota sobre o estatuto da dialética e a emergência da vontade em Agostinho</i> .....	115
<i>Sobre a “dialética”</i> .....	118
<i>Sobre a emergência da “vontade” nas Confissões, X</i> .....	122

### **Bibliografia** ..... 129

# À guisa de introdução

---

## ***Agostinho e a cultura clássica***

Em tenra idade, Santo Agostinho assumiu pela primeira vez na vida o projeto de buscar a sabedoria e a felicidade. Ele tinha só dezenove anos quando leu uma obra do filósofo e orador romano Cícero (106-43 a.C.) intitulada *Hortênsio*, infelizmente perdida no tempo, e se sentiu exortado a aderir a um modo de vida filosófico. A concepção de filosofia que lá Agostinho encontrou e pela qual se apaixonou guardava como principal objetivo a busca pela sabedoria e felicidade, o que exige do ser humano investigar a si mesmo com profundidade para discernir os objetos que devem ser evitados dos que devem ser buscados em função da felicidade. Se a procura da sabedoria e da felicidade, porém, pressupõe o conhecimento de si, é preciso dizer que o autoconhecimento exige a transformação de si, notadamente do desejo, conforme se descortina o que há de imortal no homem. Em outras palavras, em Santo Agostinho, bem como na filosofia antiga em geral, não se trata só de buscar o conhecimento, mas de ser o conhecimento. Afinal, a filosofia na Antiguidade não era somente uma modalidade de discurso, como para muitos pensadores modernos e contemporâneos, mas primordialmente um modo de vida ou uma arte de viver, em busca da sabedoria e da felicidade.

Aliás, embora muitos considerem Agostinho um filósofo medieval, a rigor o bispo de Hipona foi um filósofo antigo,

mais precisamente da Antiguidade Tardia.<sup>1</sup> Ele é, contudo, elevado ao panteão dos principais pensadores do medievo porque a filosofia medieval ocidental guarda enorme influência sua, quando não bebe diretamente nele como principal fonte de reflexão filosófica cristã. Talvez Agostinho seja, até Tomás de Aquino, isto é, até o século XIII, o autor de maior influência na Idade Média latina,<sup>2</sup> entre outras razões porque é um dos primeiros filósofos, certamente o primeiro de grande envergadura, a conceber o cristianismo não só como religião, mas também como filosofia, mais precisamente, como a verdadeira filosofia.

Definitivamente, [Agostinho] não era um *type croyant*,<sup>3</sup> como se mostrara comum entre os homens instruídos do mundo latino antes de sua época. Não acreditava que a filosofia se houvesse revelado estéril e, portanto, que os métodos dos filósofos pudessem ser substituídos por uma sabedoria revelada. Ambrósio,<sup>4</sup> apesar de todo o seu uso de

---

<sup>1</sup> Peter Brown é um dos principais nomes que defendem tal demarcação histórica na Antiguidade em geral, não sem controvérsia na historiografia.

<sup>2</sup> “Geralmente se concorda em considerar a substituição da doutrina de Santo Agostinho por uma nova síntese doutrinal como o acontecimento filosófico mais importante que poderia ter ocorrido ao longo do século XIII. [...] Antes de São Tomás de Aquino, o acordo em sustentar a doutrina agostiniana da iluminação divina é praticamente unânime; depois de São Tomás de Aquino, esse acordo deixa de existir, de tal modo que o doutor franciscano João Duns Escoto abandona por si mesmo, no que diz respeito a esse ponto essencial, a tradição agostiniana da qual sua Ordem continuava a ser, até então, o mais fiel sustento.” GILSON, É. *Por que São Tomás criticou Santo Agostinho / Avicena e o ponto de partida de Duns Escoto*. Trad. Leme, T. J. R. São Paulo: Paulus, 2010, p. 5.

<sup>3</sup> Crente típico.

<sup>4</sup> Bispo de Milão, viveu entre 339 e 397 d.C., homem de grande erudição, de grande prestígio na Igreja e no Império Romano, desempenhou importante função na trajetória de Agostinho em direção ao platonismo e ao cristianismo. Cf. AGOSTINHO. *Confissões*, V, xiii; VI, ii-iii. BROWN, P. *Santo Agostinho, uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2006, cap. “Ambrósio”, p. 95-105.

autores pagãos, parece haver adotado essa ideia antiquada. [...] Ambrósio chegou mesmo a acreditar que o apóstata Juliano desviara-se do cristianismo ao “se entregar à filosofia”; e isso era exatamente o que Agostinho, numa série de livros e cartas, proclamava orgulhosamente estar fazendo [em 386 d.C.].<sup>5</sup>

Dessa forma, antes de investigarmos o conceito de felicidade de Agostinho, procuremos situá-lo com mais clareza na Antiguidade Tardia, notadamente no período de decadência do Império Romano (Baixo Império), inclusive para mensurar a fortuna histórica de sua síntese entre filosofia e religião, ou entre modo de vida filosófico e religioso. Aurélio Agostinho era cidadão romano, nascido em 354 d.C. no norte da África, território romano, e teve uma rica formação clássica, de matriz pagã. Isso significa que sua obra recepciona e se confunde com a cultura clássica, mantendo diálogo com grandes autores antigos, como: Virgílio, Salústio, Terêncio, Ovídio, César, Varrão, Cícero, entre outros de ambiência romana, dos quais cada vez mais ao longo de sua obra se distanciará em proveito de uma reflexão cujo centro e referência se tornará o cristianismo.<sup>6</sup> Mas Agostinho também sofreu enorme influência da filosofia grega, sobretudo do platonismo, com destaque para o neoplatonismo de Plotino (204/5 - 270 d.C.). No célebre livro VII das *Confissões*, Agostinho declara ter havido um período em sua vida em que se tornou platônico, até que reconheceu insuficiências no platonismo que, segundo ele, o cristianismo não continha. Nesse ponto, a ausência naquele se refere principalmente a uma mediação entre a realidade sensível e a suprassensível.

<sup>5</sup> BROWN, P. *Santo Agostinho, uma biografia*, p. 134-135.

<sup>6</sup> Cf. MARROU, H.-I. *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. 4ª edição. Paris: Éditions E. de Boccard, 1958.

Aqui, não trataremos com vagar da biografia de Agostinho até sua conversão definitiva ao cristianismo, mas recomendamos a leitura das *Confissões*, sobretudo dos livros V, VI e VII, onde o autor apresenta e problematiza sua passagem por filosofias e seitas com as quais se envolveu antes de converter-se ao cristianismo, tais como o maniqueísmo, o ceticismo e o platonismo, todas, segundo Agostinho, incapazes de conduzir o homem à felicidade, tarefa que somente o cristianismo poderia cumprir.

Para o leitor das *Confissões*, é importante sublinhar que se trata de uma obra filosófica inaugural, entre outras razões porque escrita em primeira pessoa e tem Deus como interlocutor: trata-se de um “eu”, de um *ego*, que narra e confessa sua finitude e miséria diretamente para Deus.<sup>7</sup> É a partir de si mesmo e de sua situação – de um *ego* dilacerado por vícios e disperso na multiplicidade e na temporalidade – que Santo Agostinho investigará alguma possibilidade de acesso a Deus. Para colocar em termos platônicos, e Agostinho nos permite a metáfora, nas *Confissões* tudo se passa como se o homem se reconhecesse impotente para sair da caverna em direção ao mundo das ideias, que na filosofia agostiniana é a mente ou o intelecto de Deus, de forma que, na ausência de um socorro

---

<sup>7</sup> “[...] um homem do baixo Império Romano que abrisse pela primeira vez seu exemplar das *Confissões* haveria de julgá-las um livro espantoso: as formas tradicionais de expressão literária tidas por ele como presumíveis se introduziriam no livro, mas transformadas a ponto de se tornarem irreconhecíveis. À primeira vista, seria fácil situar as *Confissões*: tratava-se, patentemente, do trabalho de um filósofo neoplatônico. Por exemplo, elas foram redigidas sob a forma de uma prece a Deus, comum numa longa tradição de filosofia religiosa. [...] Tais orações, porém, costumavam ser vistas como parte de uma etapa preliminar na elevação da mente do filósofo a Deus. Nunca tinham sido usadas, como viria a usá-las Agostinho ao longo das *Confissões*, para encetar uma conversa animada com ele: ‘Plotino nunca conversou com o Uno como fez Agostinho nas *Confissões*’”. BROWN, P. *Santo Agostinho, uma biografia*, p. 202-203.

divino, de uma ponte salvífica, o ser humano estaria condenado ao desespero e à dispersão, encaminhando-se ao nada.

De outro modo, a questão é a da incomensurabilidade entre o finito e o infinito, é a da impossibilidade de acesso que parece existir entre o homem, finito, e Deus, infinito. Ora, qualquer cristão ou teísta consequente tem de se haver com o problema acerca da comunicabilidade possível entre o divino, eterno, imutável, e o humano, temporal e mutável. Para Agostinho, o platonismo não é capaz de resolver o impasse, de modo que, ao invés de uma “transcendência ascendente” como há na filosofia platônica, devemos conceber em Agostinho uma “transcendência descendente”, no sentido de que não é o homem que acede ao inteligível, mas é Deus que socorre o homem da danação em que se encontra no mundo. Todo o problema gravita em torno de uma mediação necessária. Com efeito, o finito não pode pretender elevar-se ao infinito, precisamente pela incomensurabilidade entre a natureza finita do homem e a infinita de Deus. Se alguma transcendência é possível, ela exige mediação e iniciativa estabelecidas pelo divino. Desse modo, a exigência é a de um socorro divino, que se dá mediante a encarnação de Cristo, também nomeado, tanto por Paulo, quanto por Agostinho, como o Mediador. Deus mesmo teria assumido a natureza humana, sem, todavia, destituir-se de sua natureza divina, para conceder gratuitamente ao homem uma mediação para a transcendência.

Aqui, sem dúvida, estamos simplificando o que Agostinho desenvolve em centenas de páginas. De toda forma, já resumimos a principal limitação que Agostinho, ao menos em suas obras escritas após 390 d.C., enxerga não só no platonismo, mas em qualquer filosofia que guarde a transcendência como projeto. Melhor dizendo, entendido como verdadeira filosofia e verdadeira religião – e Agostinho escreveu um livro

intitulado *A verdadeira religião* –, somente o cristianismo pode prometer ao homem a transcendência, porquanto somente a religião cristã pode oferecer uma mediação entre o relativo e o absoluto, sem incorrer na soberba de supor que o homem poderia, por assim dizer, “puxar-se a si mesmo pelos cabelos” e alcançar, a partir da temporalidade, nada mais, nada menos, do que a eternidade. Como o próprio Agostinho confessa: “Eu buscava um meio que me desse forças para gozar de ti, mas não o encontraria, enquanto não aderisse ‘ao mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que acima de todas as coisas é o Deus’”.<sup>8</sup>

### **Agostinho leitor da Bíblia**

Mas voltemos ao ambiente romano de Agostinho e procuremos apontar o significado de sua filosofia nesse período histórico tão conturbado. Sabemos que desde 313 d.C., sob o império de Constantino, o cristianismo havia se tornado a religião oficial do Império Romano, embora o paganismo ainda não tivesse se tornado ilegal, pois a religião romana pagã, politeísta, com grande influência do que hoje chamamos de mitologia greco-romana, apenas viria a tornar-se ilegal em 391 d.C., durante o império de Teodósio I, quando Agostinho mesmo sequer imaginava que se tornaria o bispo de Hipona e tomaria parte em questões políticas decisivas para o império e para a institucionalização da Igreja. O fato é que o paganismo ainda continha grande penetração social

---

<sup>8</sup> AGOSTINHO. *Confissões*, VII, xviii, 24; 1Tm 2,5; Rm 9,5. Na citação, os números se referem ao seguinte: livro VII das *Confissões*, capítulo xviii, parágrafo 24. No estudo de Agostinho, é instrutivo para o leitor conferir o contexto das citações bíblicas na Bíblia, estudo quase sempre pressuposto pelo autor. Recomendamos a *Bíblia de Jerusalém*, principalmente em suas primeiras edições que contêm notas críticas.

no tempo de Agostinho<sup>9</sup> e, em meios letrados, o cristianismo não era considerado filosoficamente relevante, sendo entendido sobretudo como uma religião para a plebe, religião para o povo, indigna para um homem das letras. A Bíblia, por exemplo, era apreciada como um texto vulgar, mal escrito, a ponto de o próprio Agostinho relatar nas *Confissões* que, antes de converter-se, considerava as Escrituras um texto indigno de sua atenção.

Resolvi, então, me debruçar sobre as Sagradas Escrituras, e ver como elas eram. Agora enxergo uma matéria<sup>10</sup> não revelada aos soberbos, nem desnudada às crianças, humilde na entrada, mas no interior sublime e velada por mistérios; e eu não era tal que pudesse ingressar nela ou baixar a cabeça para passar por aquela porta. Com efeito, o que digo agora não o percebi então, quando me voltei para aqueles textos: pareceram-me indignos, se comparados

---

<sup>9</sup>“No início de 399, agentes especiais do império chegaram à África para fechar os templos pagãos. eclodiram tumultos religiosos: em Sufes, cerca de sessenta cristãos foram mortos; na zona rural, as turbas católicas mostraram-se tão violentas no ‘expurgo’ de santuários pagãos das grandes fazendas quanto tinham sido os circuncelões. Agostinho e seus companheiros estiveram no centro dessa tempestade. Em Cartago, ele pregou para grandes multidões, em meio a gritos de ‘Abaixo os deuses romanos.’ Essa é a primeira vez que o vemos, um amante da paz intensamente sensível à violência, apanhado na agitação que sua certeza apaixonada tanto contribuíra para provocar”. BROWN, P. *Santo Agostinho, uma biografia*, p. 285-286.

<sup>10</sup>Note-se recepção agostiniana da “matéria” em sentido retórico e filosófico. Embora “matéria” esteja sendo mobilizada aqui de maneira não problemática com o sentido de “assunto” ou “tema” de um discurso, trata-se de noção de todo equívoca na tradição retórica. “Foi questão bastante discutida entre os antigos se a retórica possuiria uma matéria específica assim como as demais artes. A retórica parecia apropriar-se das matérias de outras artes e saberes, não possuindo nenhuma que lhe fosse própria. Isto acabou criando um problema sobretudo para a filosofia, que se viu obrigada a disputar com os retores o tratamento e ensino de certas matérias.” VASCONCELOS, B. A. *Ciência do dizer bem: a concepção de retórica de Quintiliano em Institutio oratoria*, II, 11-21, p. 85.